
Reflexões sobre os processos de avaliação diante do avanço das IAs: redução da capacidade de gerar conhecimento?¹

Cláudia Maria Moraes Bredarioli²
ESPM-SP

Resumo

A Inteligência Artificial (IA) Generativa traz novos desafios para a aquisição de conhecimento, inclusive no contexto acadêmico-científico. Neste artigo, destacamos esse contexto diante das novas práticas exigidas nas avaliações diante dos processos educacionais, dando destaque para questões relacionadas ao ensino superior. As ferramentas de IA Generativa trazem novas oportunidades e desafios para a academia e levantam preocupações sobre direito autoral (plágio e propriedade intelectual do conteúdo gerado pela tecnologia), integridade, confiabilidade das pesquisas e ética (disseminação de preconceitos) – questões essas que precisam ser pensadas diante do cenário de avaliação no processo educativo.

Palavra-chave: comunicação, educação, formação, avaliação, inteligência artificial

Avanços exponenciais na inteligência artificial (IA) têm redefinido paradigmas em diversos setores, e a educação não é exceção. Diante do tema deste congresso: “(Re)Pensar a Comunicação como campo de conhecimento, formação e prática profissional”, vamos destacar a questão da formação e, dentro dela, os processos de avaliação diante desses avanços da IA.

Particularmente, o processo de avaliação no ensino emerge como um campo fértil para a aplicação da IA, mas também um terreno de complexas consequências que demandam análise aprofundada e que, principalmente, trazem desafios para dentro da sala de aula e para as instituições de ensino de maneira geral. Neste sentido, a interface da comunicação com a educação, à qual a compreensão da avaliação está intrinsecamente ligada, torna-se um ponto crucial de atenção nesse cenário, conquanto os elementos da educação estejam dentro da sala de aula e compõem os processos de ensino-aprendizagem.

A IA, com sua capacidade de processar e analisar vastos volumes de dados, oferece ferramentas promissoras para otimizar a avaliação. Algoritmos podem, por exemplo, analisar padrões de desempenho de estudantes, identificar lacunas de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação pela ECA-USP, professora do Curso de Jornalismo da ESPM-SP. E-mail: claudia.bredarioli@espm.br

aprendizagem e até mesmo sugerir intervenções personalizadas. Isso permite uma avaliação mais formativa e contínua, afastando-se do modelo tradicional de avaliações pontuais e somativas. No entanto, a mera automatização não garante a qualidade ou a equidade. A dependência excessiva de algoritmos pode levar à desumanização do processo avaliativo e criativo, no qual a nuance e a individualidade do estudante são sacrificadas em prol da eficiência.

Uma das consequências mais significativas da IA na avaliação é a transformação da natureza do que é avaliado. Se antes o foco estava na memorização e reprodução de informações, a IA nos força a repensar as habilidades essenciais para o futuro. Mas traz consigo problemas como a dificuldade de detecção de plágio em textos ou mesmo a repetição de ideias anteriormente apresentadas, impedindo, de certa forma, a criatividade, pois tudo o que se recupera em seus processos de trabalho com dados já foi construído e circulado. Assim, cria-se um círculo vicioso no qual, em certo momento, poderá não haver mais construção de conhecimento novo.

Com ferramentas de IA capazes de gerar textos, analisar dados e até mesmo criar arte, a capacidade de saber se torna “menos importante” do que a capacidade de fazer e pensar criticamente sobre o que a IA produz. Mas como pensar, então, na construção do saber?

Nesse sentido, as avaliações precisam se adaptar para medir a criatividade, o pensamento crítico, a resolução de problemas complexos e a capacidade de colaborar com a IA, e não apenas replicar o que a máquina pode fazer com maior eficiência.

A questão da autoria e originalidade também se torna central. Ferramentas geram textos muitas vezes coerentes e contextualmente relevantes, levantando sérias preocupações sobre plágio e fraude. As instituições de ensino superior se veem em um dilema: proibir o uso dessas ferramentas, o que se mostra impraticável e ignora a realidade do mercado de trabalho, ou integrá-las de forma ética e pedagógica. Mas como?

A comunicação entre professores e alunos sobre o uso responsável da IA torna-se imperativa. O desenvolvimento de diretrizes claras e a promoção da integridade acadêmica em um ambiente permeado pela IA são desafios prementes. Como afirma Zuboff (2019) em "The Age of Surveillance Capitalism", se os dados são a nova moeda, a confiança é o novo capital social. A confiança mútua entre avaliador e avaliado, e a transparência no uso de ferramentas de IA são pilares para um processo avaliativo justo.

Se a IA pode oferecer feedback instantâneo e personalizado, a qualidade desse feedback e a forma como ele é comunicado são cruciais. Um feedback gerado por IA, sem a mediação humana, pode carecer de empatia, contexto e profundidade, impactando negativamente a motivação e o desenvolvimento do estudante – daí a necessidade de o professor mais do que nunca exercer o papel de mediador entre a ferramenta, o saber e o aluno.

A mensuração de resultados de aprendizado considerando o uso imperativo da IA na escola e no cotidiano levanta também questões inovadoras aos processos avaliativos, mas que ainda estão sendo testadas para verificação de sua eficácia em função da dificuldade da construção do saber diante desse novo cenário como já comentado.

A IA pode auxiliar na elaboração de questões e rubricas (como apresentaremos a seguir), a clareza e a transparência na comunicação desses elementos se tornam ainda mais importantes para evitar ambiguidades e garantir a equidade. A capacidade de articular o raciocínio por trás de uma avaliação e de justificar as escolhas metodológicas é fundamental para a aceitação e a legitimidade do processo.

Os desafios mais significativos estão relacionados à desumanização, à redefinição do que é avaliado, à autoria e à necessidade de uma comunicação eficaz. A integração da IA deve ser vista como uma oportunidade para reimaginar a avaliação, tornando-a mais relevante, justa e alinhada com as demandas de um mundo cada vez mais mediado pela tecnologia.

A convergência entre comunicação e educação ganha novos contornos com a adoção da inteligência artificial (IA) nos processos de ensino-aprendizagem. Para Marshall McLuhan (1974), uma rede mundial de computadores torna acessível, em alguns minutos, todo o tipo de informação aos estudantes do mundo inteiro, antecipando o papel transformador das mídias digitais na educação.

Diante de uma visão mais tecnicista, a perspectiva conectivista de George Siemens reforça essa tendência: o conectivismo se desenvolveu como um novo paradigma para a era digital, onde o aprendizado ocorre dentro de redes de informação, e os nós (contatos, recursos, ferramentas) são centrais no processo de ensino-aprendizagem. A IA contribui para fortalecer essas redes, ao identificar padrões de comportamento dos alunos e propor caminhos adaptativos.

No ensino superior, Pinheiro et al (2023) argumentam que, embora ferramentas generativas facilitem o acesso à informação, “é fundamental que os alunos desenvolvam

habilidades de pensamento crítico para lidar com possíveis imprecisões e vieses”. Essa reflexão dialoga com a tradição freireana, na qual Paulo Freire enfatizou o pensamento crítico como caminho para a emancipação.

Por outro lado, vozes mais céticas trazidas por professores alertam que a ferramenta está nos usando em vez de a usarmos, ressaltando o risco das câmaras de eco – como o Reddit – e da perda de sua função humanizadora. Em 2016, o conceito de "câmara de eco" começou a ser amplamente discutido quando nos foi revelado que os algoritmos das mídias sociais acabam criando câmaras de eco para qualquer conteúdo/opinião que preferimos ouvir, cegando-nos para o que mais possa existir. Esse contraponto reforça a necessidade de mediação disciplinada do professor, para que a IA seja instrumento e não substituto.

Em síntese, a IA pode operar como motor de personalização, colaboração e inovação, integrando comunicação e educação de modo sinérgico. Agentes pedagógicos, sistemas adaptativos e redes conectivistas formam um ecossistema comunicativo que favorece a aprendizagem significativa. No entanto, o sucesso dessa interface depende da consciência ética, da equidade no acesso e do preparo docente. Somente assim será possível evitar armadilhas como dependência da máquina, dispersão atencional ou superficialidade, garantindo que a tecnologia potencie – e não subverta – o ato educativo.

Repensar a comunicação como campo de conhecimento, formação e prática profissional passa por reconhecer sua intrínseca complexidade na qual se entrelaçam multiplicidade de mídias, contextos e intensificação das interações sociais. A infiltração massiva da inteligência artificial (IA) redimensiona esse cenário, especialmente ao se refletir sobre os processos de avaliação no ensino, especialmente, no âmbito superior. A comunicação, enquanto saber profissional, exige competências que se articulam com os novos desafios impostos pela IA na produção de textos, áudios, vídeos, seminários e dissertações, dentro de seus processos educomunicativos. As implicações éticas são igualmente relevantes. Costa et al (2023) destacam riscos relacionados à privacidade, vieses algoritmos, e direitos autorais. Por sua vez, O’Neil (2017), em *Weapons of Math Destruction*, alerta que algoritmos no contexto educacional podem reproduzir desigualdades pré-existentes, exigindo uma reflexão profunda sobre a regulação e governança da IA no ensino superior. A resistência tradicional ao plágio dá lugar à urgência de reconfigurar a avaliação. Ardito (2023) propõe que combater a IA via detecção é insuficiente; em vez disso, defende “uma mudança estratégica para métodos

robustos de avaliação e políticas que abracem o uso da IA”. Em face desses desafios, a avaliação deve ser repensada de maneira integrada, não como repressão, mas como estímulo à aprendizagem crítica, por meio de avaliações multimodais e processos holísticos, que envolvem pesquisa com uso consciente de IA, análise crítica, aplicação prática, defesa multimídia e feedback assistido.

A complexidade dos processos avaliativos se estende para além dos textos escritos, incorporando áudios, vídeos, seminários ou dissertações. A heterogeneidade desses formatos exige novas rubricas de avaliação capazes de captar elementos como autoria declarada, consistência argumentativa e defesa oral ou multimodal, com validação presencial, defesa de ideias e supervisão docente. Comentários de professores em fóruns mostram que pedir aos alunos que expliquem ou defendam suas produções oralmente é uma forma eficaz de confirmar autoria. A formação acadêmica e profissional em comunicação, portanto, deve reavaliar seus eixos: não se trata apenas de ensinar competências técnicas, mas também de cultivar uma postura crítica, ética e reflexiva diante das tecnologias emergentes.

Assim, repensar a comunicação como campo de conhecimento e prática profissional implica reconhecer e integrar seu caráter complexo: tecnológico, ético, educativo e avaliativo. Assim, propusemos aqui três aspectos fundamentais para se pensar os processos de avaliação: (1) **rubricas específicas para avaliação com uso de IA**, (2) **exemplos de práticas híbridas** e (3) **estratégias para defesa de autoria em formatos multimídia**. Essas abordagens visam tornar o processo avaliativo mais justo, ético e adaptado ao contexto atual da educação superior.

Rubricas específicas para avaliação com uso de IA

Uma rubrica de avaliação eficaz no contexto da IA deve considerar critérios que vão além do conteúdo superficial, valorizando o processo reflexivo, a criatividade e a autoria crítica. Furze et al. (2024) propõem a *AI Assessment Scale (AIAS)*, que avalia o nível de uso da IA em cinco dimensões: (1) *transparência no uso da IA*, (2) *interpretação crítica das sugestões da ferramenta*, (3) *integração com conhecimento prévio*, (4) *originalidade da produção* e (5) *ética no processo*. Cada dimensão pode ser avaliada em uma escala de 1 (dependência acrítica) a 5 (uso estratégico e reflexivo).

Tabela 1: Exemplo simplificado de rubrica adaptada:

Critério	Nível 1	Nível 3	Nível 5
Transparência no uso da IA	Omitiu uso	Declarou uso parcial	Detalhou uso com reflexões
Interpretação crítica	Copiou texto da IA	Editou com mudanças mínimas	Reescreveu com visão própria
Integração com conhecimento	Desconectado do conteúdo da disciplina	Parcialmente coerente	Integrado ao referencial teórico
Originalidade da produção	Predominância de IA	Misto	Predominância do estudante
Ética e autoria	Plágio evidente	Citações parciais	Referência completa e ética

Fonte: a autora

Exemplos de práticas híbridas

Adotar práticas híbridas na avaliação permite combinar o potencial das ferramentas digitais com elementos de autoria verificável. Algumas sugestões:

- **Oficinas orientadas de produção assistida por IA:** O professor propõe uma tarefa com etapas bem definidas, onde o uso da IA é permitido, mas exige que o estudante explique, por escrito ou oralmente, como utilizou a ferramenta e quais decisões tomou a partir das sugestões geradas.
- **Diários reflexivos de aprendizagem:** Ao final de cada etapa de um trabalho (ensaio, podcast, vídeo), o estudante entrega um diário (em texto ou áudio) explicando seu processo criativo, decisões tomadas, dificuldades e o papel da IA no processo. Isso fortalece o vínculo entre autor e produto.
- **Cocriação de rubricas com estudantes:** Promover debates sobre critérios de avaliação, ética e uso responsável da IA ajuda a formar consciência crítica e corresponsabilidade no processo avaliativo.

Estratégias para defesa de autoria em formatos multimídia

Em tempos de geração automatizada de conteúdo em vídeo e áudio, garantir a autoria envolve estratégias orais, interativas e presenciais. Algumas práticas recomendadas:

- **Defesa oral presencial ou síncrona:** Após a entrega de um trabalho em vídeo, áudio ou apresentação, o estudante é convidado a participar de uma banca curta de 10 minutos, respondendo perguntas relacionadas ao conteúdo, fontes utilizadas e justificativas de escolha de linguagem, estética, entre outros.
- **Solicitação de versões preliminares com feedback:** Trabalhos complexos (seminários, vídeos ou dissertações) devem ser acompanhados por esboços iniciais, rascunhos e storyboards, promovendo a documentação do processo criativo e servindo como evidência de autoria.
- **Rastreamento de versões e comentários:** Utilizar plataformas como Google Docs, Notion ou mesmo Moodle para rastrear edições, comentários e colaborações permite observar o desenvolvimento real do trabalho e coibir práticas fraudulentas.
- **Testes de domínio pós-produção:** Após a apresentação ou entrega de material audiovisual, o professor pode aplicar uma breve atividade (oral ou escrita) com perguntas sobre o conteúdo e o processo de criação, servindo como “verificação de domínio”.

Essas estratégias e ferramentas ajudam a consolidar uma cultura de **transparência, autoria consciente e avaliação formativa**. Elas reconhecem o papel legítimo da IA na educação, desde que usada com critérios éticos e pedagógicos claros, envolvendo práticas educacionais. O objetivo não é penalizar, mas transformar a relação com o conhecimento, promovendo um ensino mais dialógico, criativo e alinhado às competências do século XXI.

Atividade Avaliativa: Produção de Reportagem Multimídia com Apoio de IA

Objetivo da atividade

Desenvolver uma reportagem multimídia (texto + podcast ou vídeo curto) sobre um tema atual, com uso consciente e ético de ferramentas de inteligência artificial generativa (como ChatGPT, Grammarly, DALL·E, etc.), promovendo o letramento informacional, o pensamento crítico e a defesa da autoria.

Etapas da atividade

1. **Escolha do tema jornalístico** (com orientação docente).
2. **Pesquisa, levantamento e entrevistas de fontes primárias e secundárias.**
3. **Produção do conteúdo multimídia (texto + vídeo ou áudio).**
4. **Elaboração de um diário reflexivo** (ou vídeo curto) explicando como a IA foi utilizada.
5. **Defesa oral do trabalho em ambiente síncrono ou presencial.**

Tabela 2: Rubrica de Avaliação (versão adaptada para Jornalismo)

Critério	Nível 1 – Insuficiente	Nível 3 – Adequado	Nível 5 – Excelente
Transparência no uso da IA	O uso foi omitido ou negado	O uso foi citado superficialmente	O uso foi declarado, explicado e contextualizado
Qualidade da apuração jornalística	Fontes frágeis ou não verificáveis	Uso parcial de fontes confiáveis	Fontes múltiplas, verificadas e contextualizadas
Originalidade e estilo jornalístico	Conteúdo artificial ou genérico	Texto funcional, com pouca criatividade	Reportagem autoral, com voz própria e profundidade
Reflexão ética e crítica sobre IA	Ausência de reflexão ética	Reconhecimento limitado dos riscos	Demonstração crítica sobre limites e potencial da IA
Multimodalidade e linguagem	Uso fraco de elementos audiovisuais	Integração técnica básica	Linguagem adaptada ao público-alvo e formato jornalístico
Defesa oral/autoria	Não demonstra domínio do trabalho	Demonstra domínio parcial	Responde com segurança, articula conteúdo e processo

Fonte: a autora

Aprendizagens esperadas

- Entendimento crítico das ferramentas digitais na prática jornalística;
- Desenvolvimento de habilidades de apuração, escrita e linguagem multimodal;
- Formação ética quanto à autoria e uso de tecnologia;
- Capacidade de defesa e argumentação sobre o próprio processo criativo.

Algumas considerações

Em primeiro lugar, estão as formas pelas quais os alunos provavelmente encontrarão a IA em sua vida cotidiana e o papel que as escolas podem desempenhar no apoio à tomada de consciência sobre o tema, compreensão sobre seus efeitos, comportamentos e práticas decorrentes. Essa iniciativa pode ser chamada de “letramento em IA” e os ajudará a agir de maneira mais proativa e consciente em contextos recorrentes, cada vez mais impregnados dessa tecnologia. Sobre a necessidade de uma relação crítica com a IA na educação, todas essas questões, portanto, levantam a necessidade de os alunos serem incentivados e apoiados a fazer perguntas importantes relacionadas às mudanças de poder, de controle e de autonomia relativas à incursão das tecnologias de IA em suas experiências educacionais.

E não se pode ainda desconsiderar o impacto sobre a disseminação de fake news: Atualmente, os pacotes de IA generativa não têm uma maneira significativa de verificar a veracidade dos dados originais dos quais dependem, ou mesmo de avaliar a confiabilidade das fontes. Isso os torna vulneráveis a todos os tipos de 'viés algorítmico' que favorecem ainda mais grupos sociais específicos e aumentam o potencial de disseminação de desinformação.

Como os educadores de mídia podem responder a esses desenvolvimentos? O advento da IA nos fornece ainda mais novos conteúdos curriculares. O crucial aqui é construir sobre as estruturas críticas e as abordagens de sala de aula que desenvolvemos ao longo do tempo. Assim como nas mídias sociais, é possível e produtivo estender os 'conceitos-chave' da educação para a mídia a esse novo meio. [...] questões básicas sobre negócios, trabalho e regulamentação são familiares a partir das abordagens que desenvolvemos com os alunos em relação à mídia 'antiga'. Da mesma forma, questões bem estabelecidas sobre representação, confiabilidade e confiança, e sobre as implicações sociais mais amplas da IA, serão familiares e podem ser exploradas e debatidas de forma útil pelos alunos. (Selwyn, 2023, p. 114)

A resistência tradicional ao plágio dá lugar à urgência de reconfigurar a avaliação. Ardito (2023) propõe que combater a IA via detecção é insuficiente; em vez disso,

defende “uma mudança estratégica para métodos robustos de avaliação e políticas que abracem o uso da IA”. As experiências no Brasil também apontam direções semelhantes. Um estudo com docentes da COPPE/UFRJ revelou que os principais desafios envolvem risco de plágio, dependência de ferramentas que nem sempre apresentam total confiabilidade em seus resultados, falta de reflexão crítica, além de infraestrutura insuficiente.

Referências:

ARDITO, C. **Contra generative AI detection in higher education assessments**. Arxiv.org. Cornell University. 2023. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2312.05241>

BATES, A. W. **Teaching in a digital age: guidelines for designing teaching and learning**. BCCampus. 2015

COSTA et al. Desafios e oportunidades da inteligência artificial no ensino superior: percepções dos docentes no ambiente universitário. **Revista da avaliação da educação superior**. Vol 30. Mar. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-57652025v30id286435>

FURZE et al. **Updating the AI Assessment Scale**. Disponível em: https://leonfurze-com.translate.google.com/2024/08/28/updated-the-ai-assessment-scale/?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc. 2024.

McLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Cultrix. 1974.

O'NEIL, C. **Weapons of Math Destruction: how big data increases inequality and threatens democracy**. Crown. 2017.

PINHEIRO et al. A interface entre inteligência artificial e letramento informacional no ensino superior: contextos, avanços e desafios inter e multidisciplinares. Dossiê • **Encontros Bibli** 30 • 2025. <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2025.e103105>

SELWYN, N. Como se preparar para as realidades da Inteligência Artificial: um desafio central para a educação na década de 2020. In: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. (Eds.). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras: TIC Educação 2022**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, p. 113-119. 2023. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20231122132216/tic_educacao_2022_livro_completo.pdf

SIEMENS, G. Learning analytics: the emergence of a discipline. **American Behavioral Scientist**, 57(10), 1380-1402. 2013.

ZUBOFF, S. **The age of surveillance capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power**. PublicAffairs. 2019